

## **Inteligência Artificial e Humanidades: informação, conhecimento e aprendizagem**

O avanço exponencial da Inteligência Artificial (IA), em particular dos sistemas generativos de linguagem e de automação dos processos discursivos e hermenêuticos, representa um dos fenômenos mais marcantes do presente. Contudo, a sua aplicação no campo do saber e da aprendizagem, e em especial no domínio das Humanidades, exige uma análise crítica que ultrapasse as dimensões técnicas ou utilitárias e se inscreva num horizonte epistemológico, ético e existencial mais vasto.

Dito de outro modo, as humanidades, orientadas historicamente para a reflexão crítica, a problematização, a criação e negociação de sentidos, a interpretação e a argumentação, não podem ignorar as transformações digitais em curso. Contudo, tão pouco podem acolhê-las de forma acrítica, sob pena de comprometer as bases epistemológicas e formativas que as caracterizam. É exigida uma literacia digital crítica.

A este respeito, importa distinguir três conceitos fundamentais: *informação, conhecimento e aprendizagem*.

A IA opera de forma altamente eficiente no domínio da informação, estruturando dados dispersos e respondendo a perguntas objetivas, com base numa lógica algorítmica de cálculo e inferência estatística. Mas o conhecimento não se reduz à mera acumulação ou organização de dados. Conhecer implica integrar, interpretar, atribuir sentido e problematizar — processos que exigem reflexão crítica, mediação humana e enraizamento linguístico, histórico e cultural.

Por outro lado, o processo de aprendizagem, nas Humanidades, não se limita a adquirir competências técnicas, mas envolve a metabolização

do saber, ou seja um processo individual de apropriação e de maturação, feito através do confronto com a complexidade e do cultivo da capacidade crítica, aberta e interrogativa.

Uma das vias de acesso a essa lente crítica pode ser a distinção entre *saber que* e *saber de*, ou então, entre *perguntas* e *questões*: as primeiras solicitam respostas concretas, que esgotem a pergunta, e, em muitos casos, a IA pode ser, a nível informativo do *saber que*, uma ferramenta eficaz. Já as questões, no sentido profundo do termo, dizem respeito a assuntos, a problemáticas abertas — sobre o sentido, os valores, o agir humano, a justiça, a linguagem e a finitude — que exigem problematização contínua e não se esgotam em respostas automáticas, tornadas operacionais por agenciamento fragmentado de informações. Ora, do ponto de vista das humanidades, é importante contrariar a tendência que leva a que o *saber de* se reduza a um *saber que* e que o interrogar degenera rapidamente em mero perguntar, a um mero jogo de perguntas e respostas.

O mundo da IA é, estruturalmente, o mundo do cálculo. Os sistemas algorítmicos operam a partir da identificação de padrões estatísticos em grandes volumes de dados, projetando probabilidades formais e antecipações de comportamento. Esta racionalidade é essencialmente calculadora, orientada para a previsibilidade, a eficiência e o controlo técnico do futuro. O seu ideal é a busca do desenvolvimento de métodos formalmente limitados, mas estatisticamente robustos, para navegar a incerteza com confiabilidade operacional.

Este modelo de pensamento alimenta uma lógica de antecipação manipuladora, cuja promessa reside na segurança e na prevenção. Esta promessa exerce um fascínio profundo, pois responde ao desejo humano de eliminar a incerteza, controlar o imprevisível e proteger-se da vulnerabilidade.

Contudo, nas Humanidades e na experiência prática da vida humana, o "provável" assume outra natureza, pois nelas se lida, não com o provável calculável matematicamente, mas com um provável refratário

ao cálculo. Trata-se de uma noção que remonta à tradição aristotélica e que está diretamente relacionado com a *phronesis* — a prudência ou sabedoria prática —, que opera em contextos de incerteza real, irrepetível, e em que os limites da analiticidade humana são constitutivos.

Neste quadro, o agir e o pensar não se reduzem à inferência estatística ou ao cálculo de probabilidades, mas implicam discernimento, juízo ético, diálogo e abertura à ambiguidade e à dimensão vaga e aproximada de muitas noções. É que todas essas vertentes são requeridas e apropriadas para lidar com as situações da vida onde sabemos coisas, mas não sabemos tudo e onde persistem muitas zonas cinzentas.

É por isso que me parece que a racionalidade algorítmica carrega perigos: ao tentar neutralizar a contingência e a imprevisibilidade próprias da existência humana, debilita a capacidade humana de lidar, com coragem, autonomia e carácter, com o inesperado, com os limites e com a finitude.

A vida humana, na sua enigmaticidade, não se reduz a padrões estatísticos nem se esgota na gestão técnica do risco. Envolve abertura à surpresa, ao tecnicamente indecidível e à incerteza radical — dimensões que exigem formação ética, coragem existencial, maturação interior e refinamento do carácter.

Outro perigo reside em tomar o discurso da IA — coerente, estruturado e estatisticamente provável — como portador de uma verdade objetiva e certa, sem necessidade de verificação. Este fenómeno reforça uma visão funcionalista do saber e do agir, onde o valor do conhecimento se mede apenas pela sua utilidade, previsibilidade ou capacidade de gerar soluções técnicas.

Paralelamente, a dependência crescente da IA induz uma sensação de poder excessivo, baseado na ilusão de controlo sobre o saber e sobre o futuro. Mas esse poder é ambíguo: ao delegar à tecnologia o trabalho

de estruturação conceptual e de antecipação, o sujeito vê-se reduzido a um apêndice funcional dos sistemas algorítmicos, fragilizando a sua autonomia intelectual e a sua capacidade de lidar, com coragem e sentido crítico, com o que escapa ao controlo técnico.

Este processo é agravado pela tendência para o individualismo e para o consumo solitário do saber, tendência que fragiliza os laços comunitários e as práticas convivenciais e dialógicas que são nucleares nas Humanidades.

Ao privilegiar respostas rápidas, personalizadas e tecnologicamente mediadas, perde-se o espaço do debate, da partilha de interpretações e da construção coletiva de sentido, essenciais à aprendizagem e à cidadania.

Por outro lado, ainda, é preciso recordar que as grandes infraestruturas tecnológicas estão concentradas nas mãos de corporações transnacionais, orientadas pelas lógicas do capitalismo global e do consumismo. A promessa de eficiência e de segurança, associada à IA, esconde um colonialismo de dados e uma estratégia de mercantilização do saber, que coloca em risco a autonomia, a diversidade e o espírito crítico que estruturam as Humanidades.

Pergunto-me porque que é que são silenciadas as interrogações e os debates acerca dos contratos "Termos e Condições" que cegamente e de uma forma normalizada assinamos para aceder às tecnologias digitais.

Face a este cenário, é imperativo que as Humanidades cultivem uma resistência consciente à tecnificação do pensamento, à proliferação do impensar e à hegemonia do cálculo. Grande parte das inquietações que levam à necessidade de regulação da IA contemplam tanto esse sentido de resistência, quanto a preocupação do não agravamento de desigualdades sociais quanto, ainda, as apreensões ecológicas e energéticas que estas tecnologias colocam.

Concluo, pois, dizendo que a tecnologia, incluindo a IA, pode ser uma aliada na organização da informação, na exploração de fontes e na implementação de novas metodologias de investigação. Ela não substitui, todavia, o percurso formativo que implica a construção de carácter, o enfrentamento da incerteza e o desenvolvimento do pensamento crítico. Não deixar esfumar esta dimensão é hoje uma tarefa urgente, sob pena de vermos o humano subordinado ao cálculo, o saber crescentemente convertido em mercadoria e a aprendizagem reduzida a mera simulação de respostas automatizadas.